

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DE UMA EMPRESA FABRICANTE DE CARROCERIAS DE ÔNIBUS

¹Marco André Matos Cutrim; ¹andremarcomatos@hotmail.com; ¹Universidade Ceuma;
²Antonilton Serra Sousa Júnior; ²antonilton.junior@hotmail.com; ²Universidade Ceuma;
³Diego Ferreira Coelho; ³deferreira.c@gmail.com; ³Universidade Ceuma;

RESUMO: *Nos últimos anos observa-se o crescimento da importância da contabilidade, deixando de ser uma simples ferramenta de controle do patrimônio, tornando-se um fundamental fator para a tomada de decisão. Dentre as ferramentas da contabilidade, existe a análise das demonstrações contábeis, que permite diagnosticar a atual situação econômico-financeira das empresas. Desta forma, propõem-se com esse estudo, apresentar uma análise das demonstrações contábeis de uma empresa fabricante de carrocerias de ônibus nos anos de 2016 e 2017, através das seguintes técnicas: análise vertical e horizontal do balanço patrimonial, análise dos índices de estrutura de capital, liquidez e rentabilidade. Os resultados obtidos demonstram que a empresa não se encontra em um patamar financeiro desejável, onde precisa buscar estratégias para rentabilizar os investimentos realizados.*

PALAVRAS-CHAVE: *Demonstrações contábeis; Diagnóstico; Índices; Tomada de decisão.*

ABSTRACT: *In recent years there has been a growing importance of accounting, from being a simple asset control tool, becoming a key factor for decision making. Among the accounting tools, there is the analysis of financial statements, which allows diagnosing the current economic and financial situation of companies. Thus, the purpose of this study is to present an analysis of the financial statements of a bus body manufacturer in 2016 and 2017, using the following techniques: vertical and horizontal balance sheet analysis, analysis of the structure indices of capital, liquidity and profitability. The results show that the company is not in a desirable financial level, where it needs to seek strategies to monetize the investments made.*

KEYWORDS: *Accounting statements; Diagnosis; Indexes; Decision making.*

1. Introdução

Nos últimos anos observa-se o crescimento da importância da contabilidade, deixando de ser uma simples ferramenta de controle do patrimônio, tornando-se um fundamental fator para a tomada de decisão. Sabe-se que as empresas necessitam de constantes informações gerenciais que permitam avaliar o desempenho da empresa e tomar decisões com mais eficiência e segurança, permitindo a sobrevivência no mercado, cada vez mais competitivo. Dentre as ferramentas da contabilidade, de acordo com Gitman (2017), existe a análise das demonstrações contábeis, que permite diagnosticar a atual situação econômico-financeira das empresas. É constantemente utilizada pelos gestores e demais usuários da contabilidade. Os dados obtidos nesse processo podem ser transformados em informações fundamentais para administração do negócio com maior confiabilidade. Além disso, é possível avaliar a qualidade da gestão.

Nesse sentido, desenvolveu-se este trabalho com o intuito de ampliar e enfatizar o

entendimento da importância da análise das demonstrações contábeis. Para tanto, são apresentados os seus principais conceitos e ferramentas utilizadas nas análises vertical, horizontal e dos índices financeiros. Como foco de estudo, são utilizados os dados de uma empresa fabricante de carrocerias de ônibus, atuante no mercado nacional. Para a elaboração da análise, utilizaram-se as demonstrações contábeis dos anos de 2016 e 2017.

2. Balanço Patrimonial

Higgins (2014) descreve o balanço patrimonial como um retrato da empresa, sendo uma das melhores maneiras de resumir e organizar as posses da empresa (ativos), suas dívidas (exigíveis) e a diferença entre os dois (patrimônio líquido). Nesse contexto, os ativos são enumerados no lado esquerdo e os exigíveis e o patrimônio líquido, no lado direito.

2.1. Ativo

Segundo Gitman (2017), os ativos podem ser tangíveis, como uma máquina, ou intangíveis, como uma patente. Além disso, podem também ser classificados como permanentes, tendo uma vida relativamente longa, ou circulantes, tendo uma vida, normalmente, inferior a 12 meses, sendo assim, convertido em caixa. Para Ross et al. (2015), o estoque é um exemplo provável de itens comprados e/ou vendidos dentro de um ano, recebendo a classificação de ativo circulante. Outros exemplos englobam o próprio caixa da empresa, bem como as contas a receber (dinheiro a receber dos clientes).

2.2. Passivo

Luz (2017) descreve os exigíveis da empresa como o primeiro item a ser colocado do lado direito do balanço patrimonial, podendo ser classificados como passivo circulante ou exigível a longo prazo. O passivo circulante se refere ao que deve ser pago em até um ano, devendo ser discriminado acima do exigível a longo prazo. Seu principal exemplo são as contas a pagar aos fornecedores. Já os exigíveis a longo prazo são as dívidas com vencimento maior que 12 meses, como um empréstimo a ser pago dentro de 5 anos.

2.3. Patrimônio líquido

Meghiorini (2012) descreve o patrimônio líquido como a diferença entre o total de todos os ativos e o total de todos os exigíveis, sendo também conhecido como capital dos acionistas, ou capital próprio. Nesta parte do balanço, a empresa deve assegurar a venda dos seus ativos,

para que o dinheiro seja utilizado para pagar as dívidas, entregando aos acionistas, o que sobrar. Sendo assim, o valor total dos ativos da empresa é igual ao somatório de todos os exigíveis com o patrimônio líquido. Essa diferença também é conhecida como identidade ou equação do balanço, sendo descrita na Equação 1.

$$\text{Ativo} = \text{Exigível} + \text{Patrimônio Líquido} \quad [1]$$

3. Análise com Base em Índices Financeiros

Para Padoveze (2016), a melhor forma de se comparar empresas, evitando a diferença entre seus tamanhos, é por meio do cálculo dos índices financeiros. Esses índices se apresentam como ferramentas que permitem comparar e investigar as relações entre as diferentes informações financeiras da empresa. Ross et al. (2015) enfatizam que o principal problema do uso dos índices está nas suas diferentes variações de cálculos, permitindo diferentes interpretações, até que se chegue no resultado final. Torna-se necessário conhecer a fundo cada um dos índices, bem como as suas fontes de comparação. A seguir, serão detalhados os índices mais comumente usados.

3.1. Índice de Liquidez Corrente

Segundo Higgins (2014), um dos mais conhecidos e utilizados é o índice de liquidez corrente. Este se apresenta como uma medida de liquidez a curto prazo, visto que envolve os ativos e passivos circulantes, sendo definido pela Equação 2.

$$\text{Índice de Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}} \quad [2]$$

Meghiorini (2012) afirma que, para os credores a curto prazo, como os fornecedores, um alto índice de liquidez corrente representa vantagem de negócio. Já para a empresa, um alto índice pode representar tanto uma situação de liquidez, quanto uma má utilização do caixa e ineficiência na administração dos outros ativos a curto prazo.

3.2. Índice de Liquidez Seca

De acordo com Luz (2017), o estoque pode ser considerado o item de menor liquidez do ativo circulante, tornando-o o item de menor confiança como medida de valor de mercado, no que se refere a valor contábil. Além disso, estoques relativamente grandes, normalmente representam problemas a curto prazo, uma vez que a empresa possa ter superestimado as

vendas, comprando ou produzindo excessivamente. Com isso, boa parte da liquidez da empresa torna-se presa num estoque de giro lento. Ross et al. (2015) afirmam que é possível avaliar a liquidez com maior precisão, calculando o índice de liquidez seca. Basta, portanto, calcular o índice de liquidez corrente, retirando os estoques, como detalhado na Equação 3.

$$\text{Índice de Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante-Estoque}}{\text{Passivo Circulante}} \quad [3]$$

3.3. Índice de Liquidez Imediata ou Índice de Caixa

Gitman (2017) ressalta que, para os credores, é o índice de liquidez imediata o mais observado, pois representa a capacidade da empresa pagar as suas contas num curto prazo, como expresso na Equação 4.

$$\text{Índice de Liquidez Imediata} = \frac{\text{Caixa ou Disponibilidade}}{\text{Passivo Circulante}} \quad [4]$$

3.4. Índice de Endividamento Geral

Higgins (2014) descreve o índice de endividamento geral, detalhado na Equação 5, como a maneira mais simples de representar todas as dívidas da empresa, considerando todos os prazos e credores.

$$\text{Índice de Endividamento Geral} = \frac{\text{Ativo Total} - \text{Patrimônio Líquido}}{\text{Ativo Total}} \times 100\% \quad [5]$$

O autor ainda ressalta que duas variações do índice de endividamento geral podem ser definidas: o quociente dívida/ capital próprio (Equação 6) e o multiplicador de capital próprio (Equação 7). Nesse contexto, o exigível total demonstra quanto a empresa tomou de capital de terceiros para cada valor monetário dos recursos totais.

$$\text{Quociente Dívida ou Capital Próprio} = \frac{\text{Exigível Total}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100\% \quad [6]$$

$$\text{Multiplicador de Capital Próprio} = \frac{\text{Ativo Total}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100\% \quad [7]$$

3.5. Cobertura de Juros

Segundo Ross et al. (2015), existem várias formas possíveis de se determinar a cobertura de juros, sendo a mais comumente usada a exposta na Equação 8. Esse indicador mede a capacidade da empresa cobrir as suas obrigações de pagamentos de juros. Para tanto, utiliza

do Lucro antes dos juros e impostos (LAJI), que permite estimar o resultado das operações sem incluir as receitas ou despesas financeiras.

$$\text{Cobertura de Juros} = \frac{\text{LAJI}}{\text{Juros}} \quad [8]$$

3.6. Cobertura de Caixa

Para Padoveze (2016), ao se basear no LAJI, a cobertura de juros não representa uma medida real do caixa disponível para pagar os juros, uma vez que a depreciação é deduzida do lucro. A melhor forma de definir esse indicador é considerando a depreciação, como mostra a Equação 9.

$$\text{Cobertura de Caixa} = \frac{\text{LAJI} + \text{Depreciação}}{\text{Juros}} \quad [9]$$

Ross et al. (2015) enfatiza que o numerador (LAJI + Depreciação) é conhecido pela sigla LAOJI (Lucro Antes da Depreciação, Juros e Impostos) e representa a capacidade da empresa caixa e, normalmente, é também utilizada para medir o fluxo de caixa disponível para exercer suas obrigações financeiras.

3.7. Margem de Lucro

Gitman (2017) diz que a maior parte da atenção da empresa está dedicada a sua margem de lucro, pois representa o desempenho das operações, em relação ao volume de vendas. A relação entre lucro líquido e vendas também é usualmente conhecida como percentual de lucratividade, sendo determinada pela Equação 10.

$$\text{Margem de Lucro} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Vendas Líquidas}} \times 100\% \quad [10]$$

3.8. Retorno do Ativo

De acordo com Megliorini (2012), o retorno do ativo possui duas denominações, sendo elas ROI, *Return On Investment* (Retorno Sob Investimentos), e ROA, *Returns On Assets* (Retorno Sob Ativos). Esse indicador permite avaliar o desempenho da geração de lucros da empresa, tendo em vista os investimentos realizados no ativo, sendo determinado pela Equação 11.

$$\text{Retorno do Ativo} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100\% \quad [11]$$

3.9. Retorno do Capital Próprio

Padoveze (2016) descreve o retorno do capital próprio, ou ROE (*Return On Equity*), como a melhor forma de medir o desempenho do investimento dos acionistas dentro de um ano. Como a busca por benefícios para os acionistas é o objetivo das empresas, o ROE se mostra a real medida de desempenho, se tratando de lucro, sendo medido de acordo com a Equação 12.

$$\text{Retorno do Capital Próprio} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100\% \quad [12]$$

4. Análise e discussão dos dados

A Tabela 1 apresenta as demonstrações contábeis dos anos de 2016 e 2017 e são expostos os ativos circulantes e não circulantes, assim como as análises dos períodos. Para as análises verticais, são calculadas as porcentagens de participação de cada ativo, dentro do total de ativos do mesmo período. Já as análises horizontais se baseiam na evolução das contas ao longo dos anos e mensura o quanto um ativo variou de um período a outro.

TABELA 1 – Análise de Balanço Patrimonial Vertical e Horizontal dos Ativos.

ATIVO CIRCULANTE	2016	2017	ANALISE VERTIC AL 2016	ANALISE VERTIC AL 2017	ANALISE HORIZONT AL 2016	ANALISE HORIZONT AL 2017	VARIAÇÃO A.H % (2016 - 2017)
Caixa e equivalentes	R\$ 1.209.459,00	R\$ 958.759,00	39,57%	33,96%	100,00%	79,27%	-20,73%
Ativos financeiros mensurados ao valor justo através dos resultados	R\$ 224.151,00	R\$ 187.373,00	7,33%	6,64%	100,00%	83,59%	-16,41%
Instrumentos financeiros derivativos	R\$ 6.498,00	R\$ 445,00	0,21%	0,02%	100,00%	6,85%	-93,15%
Contas a receber de clientes	R\$ 900.816,00	R\$ 821.310,00	29,47%	29,09%	100,00%	91,17%	-8,83%
Estoques	R\$ 472.057,00	R\$ 521.364,00	15,44%	18,47%	100,00%	110,45%	10,45%
Impostos e contribuições a recuperar	R\$ 164.033,00	R\$ 228.274,00	5,37%	8,09%	100,00%	139,16%	39,16%
Outras contas a receber	R\$ 79.724,00	R\$ 105.376,00	2,61%	3,73%	100,00%	132,18%	32,18%
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	R\$ 3.056.738,00	R\$ 2.822.901,00	100,00%	100,00%	100,00%	92,35%	-7,65%

ATIVO NÃO CIRCULANTE	2016	2017	ANALISE VERTIC AL 2016	ANALISE VERTIC AL 2017	ANALISE HORIZONT AL 2016	ANALISE HORIZONT AL 2017	VARIACÃO A.H % (2016 - 2017)
Ativos financeiros mensurados ao valor justo através dos resultados	R\$ 18.817,00	R\$ 14.118,00	0,98%	0,74%	100,00%	75,03%	-24,97%
Contas a receber de clientes	R\$ 481.643,00	R\$ 428.773,00	25,20%	22,46%	100,00%	89,02%	-10,98%
Impostos e contribuições a recuperar	R\$ 19.895,00	R\$ 1.669,00	1,04%	0,09%	100,00%	8,39%	-91,61%
Imposto de renda e contribuição social diferidos	R\$ 69.779,00	R\$ 92.185,00	3,65%	4,83%	100,00%	132,11%	32,11%
Depósitos judiciais	R\$ 19.585,00	R\$ 34.151,00	1,02%	1,79%	100,00%	174,37%	74,37%
Outras contas a receber	R\$ 839,00	R\$ 1.548,00	0,04%	0,08%	100,00%	184,51%	84,51%
Investimentos	R\$ 309.074,00	R\$ 377.003,00	16,17%	19,75%	100,00%	121,98%	21,98%
Propriedade para investimentos	R\$ 48.941,00	R\$ 50.708,00	2,56%	2,66%	0,00%		
Imobilizado	R\$ 708.269,00	R\$ 688.355,00	37,05%	36,05%	100,00%	97,19%	-2,81%
Intangível	R\$ 234.689,00	R\$ 220.841,00	12,28%	11,57%	100,00%	94,10%	-5,90%
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	R\$ 1.911.531,00	R\$ 1.909.351,00	100,00%	100,00%	100,00%	99,89%	-0,11%

Fonte: Autores. (2019).

Analisando a Tabela 1, constatou-se que os ativos circulantes atingiram um valor de 61,53% no ano de 2016 em relação ao total. Entretanto, este valor sofreu uma redução no ano seguinte para 59,65% comparado ao ativo total. Além disso, destaca-se que a maior participação do grupo dos ativos está concentrada no caixa, valor este que em 2016 tinha uma representatividade de 39,57% e no ano de 2017 passou para 33,96%, o que poderia ser decorrente da diminuição das vendas. Outro ponto em destaque neste grupo é participação dos estoques, no ano base representava 15,44%, mas em 2017 obteve um aumento que resultou em 18,47%, o que poderia representar um aumento na produção não acompanhado do aumento da demanda.

Por outro lado, analisando-se verticalmente, constatou-se que houve uma diminuição de -

7,65% dos ativos circulantes nos anos de estudo, acompanhando uma redução dos ativos não circulantes de -0,11%, no mesmo período, o que pode caracterizar uma transformação de caixa.

TABELA 2 – Análise de Balanço Patrimonial Vertical e Horizontal dos Passivos.

PASSIVO CIRCULANTE	2016	2017	ANALISE VERTICAL 2016	ANALISE VERTICAL 2017	ANALISE HORIZONTAL 2016	ANALISE HORIZONTAL 2017	VARIAÇÃO A.H % (2016 - 2017)
Fornecedores	R\$ 251.454,00	R\$ 366.399,00	15,13%	22,63%	100,00%	145,71%	45,71%
Empréstimos e financiamentos	R\$ 925.062,00	R\$ 831.071,00	55,67%	51,32%	100,00%	89,84%	-10,16%
Instrumentos financeiros e derivativos	R\$ 492,00	R\$ 2.811,00	0,03%	0,17%	100,00%	571,34%	471,34%
Salários e férias a pagar	R\$ 127.534,00	R\$ 103.304,00	7,67%	6,38%	100,00%	81,00%	-19,00%
Impostos e contribuições a receber	R\$ 105.275,00	R\$ 88.159,00	6,34%	5,44%	100,00%	83,74%	-16,26%
Adiantamentos a clientes	R\$ 44.365,00	R\$ 74.600,00	2,67%	4,61%	100,00%	168,15%	68,15%
Representantes comissionados	R\$ 33.249,00	R\$ 25.757,00	2,00%	1,59%	100,00%	77,47%	-22,53%
Participação dos administradores	R\$ 7.915,00	R\$ 5.027,00	0,48%	0,31%	100,00%	63,51%	-36,49%
Provisões garantias	R\$ 21.512,00	R\$ 24.268,00	1,29%	1,50%	100,00%	112,81%	12,81%
Outras contas a pagar	R\$ 144.866,00	R\$ 97.870,00	8,72%	6,04%	100,00%	67,56%	-32,44%
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	R\$ 1.661.724,00	R\$ 1.619.266,00	100,00%	100,00%	100,00%	97,44%	-2,56%
PASSIVO NÃO CIRCULANTE	2016	2017	ANALISE VERTICAL 2016	ANALISE VERTICAL 2017	ANALISE HORIZONTAL 2016	ANALISE HORIZONTAL 2017	VARIAÇÃO A.H % (2016 - 2017)
Empréstimos e financiamentos	R\$ 1.374.172,00	R\$ 1.109.595,00	95,56%	93,69%	100,00%	80,75%	-19,25%
Provisão para perda em investimento		R\$ 7.636,00	0,00%	0,64%	100,00%		
Provisão para contingências	R\$ 35.345,00	R\$ 64.770,00	2,46%	5,47%	100,00%	183,25%	83,25%
Outras contas a pagar	R\$ 28.511,00	R\$ 2.373,00	1,98%	0,20%	100,00%	8,32%	-91,68%
TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	R\$ 1.438.028,00	R\$ 1.184.374,00	100,00%	100,00%	100,00%	82,36%	-17,64%

Fonte: Autores. (2019).

Referente aos passivos observou-se, na Tabela 2, que no ano de 2016 o passivo circulante representava 53,61% de todo o grupo dos passivos, em 2017 este valor passou para 57,76%.

Em virtude disto, o passivo não circulante representou 46,39% no ano base em relação ao grupo, e no ano de 2017 este valor representou apenas 42,24%. Pode-se destacar em relação que a maior valor/percentual do passivo circulante se refere a empréstimos e financiamentos. No ano base o valor representava R\$ 925.062,00 (55,67%), já em 2017, este valor reduziu para R\$831.071.00 (51,32%), o que nos permite inferir que a empresa amenizou as suas dívidas com as instituições financeiras. Além disso, analisando verticalmente os passivos não circulantes, constata-se que a empresa reduziu o valor de outras contas a pagar entre 2016 e 2017, saindo de 1,98% para 0,20%. Da mesma forma, notou-se que o valor de provisões para contingências neste grupo aumentou de 2,46% em 2016 para 5,47% em 2017.

TABELA 3 – Análise de Balanço Patrimonial Vertical e Horizontal do Patrimônio Líquido.

PATRIMÔNIO LÍQUIDO	2016	2017	ANÁLISE VERTICAL AL 2016	ANÁLISE VERTICAL AL 2017	ANÁLISE HORIZONTAL AL 2016	ANÁLISE HORIZONTAL AL 2017	VARIÇÃO O.A.H % (2016 - 2017)
Capital social	R\$ 1.264.622,00	R\$ 1.264.622,00	68,86%	66,60%	100,00%	100,00%	0,00%
Reservas de capital	R\$ 6.982,00	R\$ 6.487,00	0,38%	0,34%	100,00%	92,91%	-7,09%
Reservas de lucros	R\$ 502.955,00	R\$ 557.985,00	27,39%	29,39%	100,00%	110,94%	10,94%
Ajustes de avaliação patrimonial	R\$ 84.807,00	R\$ 91.472,00	4,62%	4,82%	100,00%	107,86%	7,86%
Ações em tesouraria	-R\$ 22.957,00	-R\$ 21.797,00	-1,25%	-1,15%	100,00%	94,95%	-5,05%
TOTAL DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	R\$ 1.836.409,00	R\$ 1.898.769,00	100,00%	100,00%	100,00%	103,40%	3,40%

Fonte: Autores. (2019).

Iniciando-se a análise do patrimônio líquido da Tabela 3, percebe-se que o maior percentual do grupo está representado pelo capital social. No ano de 2016 o valor chegou a ter uma representatividade de 68,86%, já em 2017 este valor sofreu uma redução para 66,60%, o que nos permitiria afirmar que o poder financeiro da empresa diminuiu. Ainda analisando verticalmente constatou-se que a reserva de lucros da empresa aumentou em 2,00%, resultando em 2017 em 29,39%, ou seja, isto significa que houve um aumento nos lucros obtidos pela empresa. Além disso, cabe destacar o aumento no percentual de ajustes de avaliação patrimonial. Em 2016 o valor tinha representatividade de 4,62% em relação ao grupo do patrimônio líquido, mas em 2017 este valor passou para 4,82%, isso significa que a empresa teve um aumento de 0,20% na avaliação dos seus bens em relação ao valor justo. Por

meio das equações 2 a 12, apresentadas anteriormente, foi possível encontrar os índices de análise do Balanço da empresa, apresentados na Tabela 4.

TABELA 4 – Índices Financeiros de análise do Patrimônio Líquido.

ÍNDICE	2016	2017
Índice de Liquidez Corrente	1,84	1,74
Índice de Liquidez Seca	1,56	1,42
Índice de Caixa	0,73	0,59
Índice de Endividamento Geral	63%	60%
Quociente Dívida / Capital Próprio	169%	148%
Multiplicador de Capital Próprio	270%	249%
Cobertura de Juros	3,13	5,42
Cobertura de Caixa	3,54	8,07
Margem de Lucro	8,64%	2,86%
Retorno do Ativo	4,48%	1,74%
Retorno do Capital Próprio	12,12%	4,32%

Fonte: Autores. (2019).

Por meio da análise da Tabela 4, percebe-se que o índice de liquidez corrente no ano de 2016 foi de 1,84. Isto nos diz que para cada R\$ 1,00 de passivo circulante existe R\$ 1,84 de ativo circulante para cobertura. Nessa mesma concepção, o ILC de 2017 foi de 1,74, ou seja, para cada R\$ 1,00 de ativo circulante, existe R\$ 1,74 para cobertura. Além disso, pode-se constatar que houve uma redução de R\$ 0,10 de 2016 para 2017, isso implica que a empresa deve estar em sinal de alerta, pois este índice quanto maior, melhor será a situação da empresa quanto à liquidez.

Referente ao índice de liquidez seca (ILS) consta-se que houve uma redução entre os anos de estudo, o que teoricamente demonstra que não é algo bom, pois quanto maior o ILS, ao passar dos anos, melhor para a empresa. Em 2016, percebe-se que foi de 1,56 vezes, onde o estoque representa 15,44% do ativo circulante. Já em 2016 o índice foi de 1,42 vezes, e o estoque tem uma representatividade de 18,47% em relação ao ativo circulante.

Analisando o índice de liquidez imediata (ILI), nos deparamos que em 2016 o índice representou 0,73 vezes, e em 2017 representou apenas 0,59 vezes. Neste caso, pode-se inferir que não é uma situação confortável para a empresa, pois segundo a teoria, quando o índice é menor do que 1 a situação é ruim, e acima de 1 é bom.

A empresa de estudo teve R\$0,63 de capital de terceiros para cada R\$ 1,00 de ativo. Portanto, existem R\$ 0,37 de capital próprio ($1 - 0,63$) para cada R\$ 0,63 de dívida. Já em 2017, o IEG foi de R\$0,40 de capital próprio para cada R\$0,60 de dívida. Relacionado ao índice de dívida, constatou-se que, em 2016, para cada R\$ 1 de capital próprio, R\$ 1,69 é de terceiros, ou 169%. Fato que mudou em 2017, passando a ser R\$ 1,48 de capital de terceiros para cada R\$ 1 de capital próprio, ou seja, 148%.

Notou-se quanto ao índice multiplicado de capital próprio (MCP) que em 2016 o total do ativo foi de 2,71 do capital próprio. Em 2017 o total do ativo foi de 2,49 do capital próprio, assim obtendo uma redução. O índice de cobertura de juros em 2016 foi de 3,13. Tal valor nos permite afirmar que para cada R\$ 1,00 de compromisso a empresa tem R\$ 3,13 de juros. Nesta mesma concepção pode ser interpretado o ano de 2017, onde a empresa teve R\$ 5,42 de juros para cada R\$1,00 de compromisso.

Quanto ao índice de cobertura de caixa (CC), reparou-se que em 2016 a empresa conseguiu cobrir os juros em 3,54 vezes. Já em 2017, a empresa conseguiu cobrir 8,07 das vezes os juros. No caso da margem de lucro, percebemos que a empresa, em termos contábeis, gerou um pouco mais que 8 centavos em 2016, e aproximadamente 3 centavos em 2017 de lucro real de vendas realizadas.

No que tange a análise do retorno do ativo, percebe-se que o valor em 2016 foi de 4,48%, sofrendo uma redução de 2,74% que resultou em 1,74% no ano de 2017. Dessa forma, isto pode ser interpretado como um mal sinal para a empresa, pois a empresa em 2017 perdeu muito mais sobre seus ativos do que no ano de 2016. Na análise do retorno do capital próprio, a empresa gerou aproximadamente 12 centavos de lucro no ano de 2016, e 4 centavos em 2017, mas isso apenas em termos contábeis.

6. Considerações finais

Este estudo propôs uma análise de uma empresa fabricante de carrocerias de ônibus, onde foi realizado um estudo das principais demonstrações contábeis dos anos de 2016 e 2017 com o intuito de diagnosticar a situação e econômica da empresa.

À vista disso, através da análise vertical e horizontal dos ativos, passivos e patrimônio líquido, constatou-se que, apesar do aumento da produção de carrocerias em 2017, a empresa ainda não consegue acompanhar a demanda, resultando em perdas de vendas. Além disso,

notou-se que a companhia reduziu suas dívidas com os Bancos e Instituições Financeiras em 4,35% em relação ao ano e 2016. Contudo, ressalta-se que o poder aquisitivo ativo da organização reduziu, não substancialmente, porém, isto deve ser entendido como um fator de atenção.

No que diz respeito aos índices que retratam a liquidez, a companhia não se manteve bem nesse aspecto. Todos os índices (liquidez corrente, liquidez seca e caixa) sofreram reduções, assim a empresa poderá ter dificuldades para cumprir com suas obrigações, seja em longo, médio e curto prazo.

Nos índices de rentabilidade, observou-se que a empresa não está tendo retornos e rendimentos dos investimentos realizados. Apesar de existir certo percentual de rentabilidade, esse valor reduziu consideravelmente em 2017. Sendo assim, é preciso que a companhia analise sua situação atual e busque estratégias para reverter esse quadro, seja por meio de novos projetos para a redução dos custos operacionais como para o aumento da sua receita.

Referências

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 14. ed. Pearson Education do Brasil: São Paulo, 2017.

HIGGINS, Robert C. **Análise para administração financeira**. 10. ed. AMGH: Porto Alegre, 2014.

LUZ, Érico. **Práticas Financeiras**. Pearson Education do Brasil: São Paulo, 2017.

MEGLIORINI, Evandir. **Administração Financeira**. Pearson Prentice Hall: São Paulo, 2012.

PADOVEZE, Clovis L. **Administração Financeira: uma abordagem global**. Saraiva: São Paulo, 2016.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JAFFE, Jeffrey; LAMB, Roberto. **Administração Financeira**. 10. ed. AMGH: Porto Alegre, 2015.